

IMAGENS GROTESCAS NA GRANDE MÍDIA: O ROCK PESADO E O JORNAL IMPRESSO SOB A ÓTICA DA CARNAVALIZAÇÃO

Adriano Alves Fiore

Resumo

A tatuagem, o *piercing* e a deformação voluntária do corpo são processos universais que vêm de afastada era. Atendem a vários propósitos, dentre estes: religioso, estético e social. O *Rock Pesado*, sobretudo o *Heavy Metal* reveste-se de imagens consideradas hostis, abusivas, infestas e agressivas. O jornal impresso sente-se atraído por tudo o que pode conduzir ao choque e à repulsa coletiva. Este trabalho analisa o grotesco inserindo-se no conceito de Carnavalização de Mikhail Bakhtin por meio da leitura (ou contemplação) de imagens contidas em jornais, livros, pôsteres de desenhos animados, capas de discos do *Heavy Metal* e propagandas. O modo de ser do homem cultural brasileiro profetizado por Vilém Flusser – síntese de elementos “não históricos” com “históricos” (técnico-frios) – juntamente com os preceitos de feiura e beleza de Umberto Eco completam o fulcro da fundamentação teórica.

Palavras-chave: Jornalismo Impresso e grande mídia. Grotesco. Hiperbolização. Carnavalização bakhtiniana. Cultura *Heavy Metal*.

Introdução

A despeito de todo o progresso tecnológico que se avista, os mais destacados cientistas e as sociedades modernas (ou contemporâneas) ainda não sabem como lidar, conveniente e convincentemente, com o indivíduo. Dia após dia, recentíssimos métodos vêm sendo criados assim como novas (e espetaculares) pesquisas de “psicodisso” ou “psiquedaquilo” encontram-se a desenvolver, mas o ser humano permanece “essencialmente perdido”.

O misto de fascínio e temor por tudo o que não conseguimos compreender, aceitar e, sobretudo, conquistar e exercer controle continua desafiando a débil prepotência das chamadas ciências tecnológicas (convencionais) de ponta. Elementos não históricos (por exemplo, magia branca ou negra e rituais de diversos tipos) fundem-se com os elementos históricos (culturas e religiões oficiais, doutrinas de âmbito moral universalmente aceitas, modismos artificiais impostos pelos grandes veículos midiáticos a todas as nações e povos da “Aldeia Global”) provocando a forjadura da constituição física e mental de boa parte, principalmente, das populações que vivem no mundo industrializado. Daí que estão em

constante movimento e surgimento novas formas de se vestir, comportar e tratar o corpo que ainda conseguem abalar paradigmas de nossa experiente sociedade do século XXI já tão acostumada com esquisitices milenares.

O *Rock* é um dos gêneros musicais mais difundidos no Mundo e o *Heavy Metal* é o seu herdeiro de maior sucesso mercadológico a partir dos inícios de 1980. A sua popularização continua crescendo; expandindo-se, inclusive, em países de reduzida liberdade de expressão por razões religiosas e políticas.

O *Heavy Metal* é muito mais que um simples estilo de música. De sua gênese barroca - efeito da mescla de diversos gêneros pré-existentes, como o: *jazz, rock and roll, country*, música clássica, *hard rock, progressive rock* - até os dias de hoje, a sua história “particular” é reescrita diariamente em alta velocidade e em consequência de abruptos e intensos processos de ordem social, esta que engloba importantes questões de moral, religião, política e sexo. O seu rico universo sonoro vê-se escoltado por um também exuberante, e dinâmico, mundo de imagens, de indumentárias, de gestualidades, de atitudes e de significações que, geralmente, tende a se simpatizar com o lado das forças “negativas” da humanidade, tidas por obras do Diabo ou do Mal. Isto graças ao seu DNA multicultural e rebelde.

Aliás, o “problema” entre o Bem e o Mal tem se tornado, ao longo da história do homem, uma das mais complexas discussões filosóficas presentes em todas – ou quase todas – sociedades e comunidades do Mundo. Tais “poderes ou forças” antagônicas encontram-se incrustadas em todos os seres humanos. São características imanentes da raça humana. “E o Bem e o Mal são vozes internas ambivalentes e dicotômicas” que residem, e convivem, dentro de cada um de nós (em aula ministrada pela prof^a. Dra. Jerusa Pires Ferreira, em 25 de outubro de 2012).

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo e pensador da linguagem e das artes, crítico de temas religiosos e teológicos russo, destaca a importância do grotesco – com suas manifestações por intermédio de monstros, gestualidade licenciosa, banquetes orgiásticos, palhaços, bobos da corte (e “excluídos” de toda natureza), deformidades físicas etc. - na cultura cômica popular. Percebe que o riso é a essência do Carnaval e se põe a estudá-lo profundamente. Cunha o termo Carnavalização para sustentar suas teorias de âmbito psicoantropossociológico e filosófico, vindo a se tornar um dos grandes nomes mundiais da crítica literária, talvez o maior especialista em François Rabelais e Fiódor Dostoiévski e um dos semioticistas mais “badalados” e respeitados da Atualidade.

Vilém Flusser (1920-1991), escritor, jornalista e pensador tcheco (naturalizado brasileiro), entende que o homem moderno - mosaico acapachado de um sem-número de crises existenciais vivendo entre uma massa urbana cada vez mais heterogênea, amorfa e monótona – pode vislumbrar no “novo indivíduo cultural brasileiro” um fio de esperança para que a vida tenha um pouco mais de alegria, e conseqüentemente, de sentido.

Umberto Eco (1932-), pensador, escritor, linguista e bibliófilo italiano por meio de suas noções do belo e do feio enormemente contribui para a aceitação popular das coisas tachadas de grotescas, reforçando, ao mesmo tempo, a profecia flusseriana do “ser humano perfeito” (mais tolerante, maleável) para o futuro, emerso da grande miscigenação cultural brasileira.

Do inexplicável e do grotesco

Figura 01 – Fotografia “oficial” publicada pelo *LA Times* da época do episódio “Battle of Los Angeles” (na virada de 24 para 25 de fevereiro de 1942)



Fonte: [<http://www.rense.com/general27/battle.htm>]

A **figura 01** traz uma imagem produzida *in loco*, em 1942, pela “confiável” instituição midiática: o jornal *LA Times*, na noite da famosa “Batalha de Los Angeles”. Durante a Segunda Guerra Mundial, um objeto suspeito surge no céu da metrópole californiana bem na ocasião em que todos os americanos aguardam, em pânico, um ataque naval ou aéreo dos japoneses. Inúmeros canhões e baterias antiaéreas, apoiados por um poderoso suporte de holofotes, abrem fogo contra “o estranho intruso”. Milhares de pessoas assistem ao vivo ao tremendo e desesperado lançamento de projéteis pelas forças armadas. Milhares de pessoas veem o misterioso corpo brilhante celeste que, após um tempo, de

intenso bombardeio, simplesmente, desaparece. A partir desse infeliz encontro audiovisual entre terráqueos e extraterrestres, compartilhado por multidões de civis e militares, passa-se a denominar os objetos não identificados de OVNI's. A Batalha de Los Angeles é uma constatação, um fato registrado e testemunhado por muitas pessoas e órgãos estatais, de que a Terra é visitada por seres inteligentes do Espaço Sideral e, mesmo assim, a ciência convencional e os governos (sempre, escondendo-se atrás da desculpa ultrapassada de manutenção da ordem e segurança públicas) insistem em não aceitar “oficialmente” a existência dos ET's. Cientistas e estudiosos autodidatas do assunto que, abertamente, creem em discos voadores e contatos com seres de outros planetas ainda costumam ser ridicularizados pelo meio científico “sério”. Se os órgãos de segurança pública e os cientistas “sérios”, realmente, se preocupam com o resguardo do bem-estar físico e mental de todos nós, então, chega-se à conclusão de que tudo o que se vê (“avistamentos”) e que se experimenta em carne e osso (abduções, etc.) relacionado ao assunto deve ser obra de experimentos militares-governamentais ultrassecretos e não de seres espaciais.

Aproveito esse exemplo do confronto, de séculos, que se vem configurando entre os meios científicos oficiais (“sérios”) - representantes do ceticismo absoluto e da incredulidade interesseira - e os demais cientistas (“alternativos”, “não oficiais”, “marginais”), que abraçam com convicção a crença em UFOs e que também têm a modéstia de admitir na incapacidade humana de compreender certos fenômenos reais (mas que não há meio de explicá-los racional e logicamente), para adentrar na questão do grotesco roçando o tema da inexplicabilidade.

O inexplicável apresenta-se estranho ou incompreensível para a maioria das pessoas porque, simplesmente, não se enquadra nos padrões estético-comportamentais massivamente disseminados pelas propagandas midiáticas, pelos programas de auditório, novelas, séries e filmes televisivos e/ou pelas telas cinematográficas. Transforma-se em algo inaceitável ou em um absurdo monstruoso materializando-se em mais um tabu aos olhos da coletividade.

Grutas, cavernas e labirintos ctônicos (subterrâneos) sempre suscitam respeitoso fascínio entre as culturas do homem primitivo. Ocupam papel de enorme relevância nos preceitos religiosos e sociais, visto que “simbolizam a morte ritual, do tipo iniciático”, e esse novo (e especial) conhecimento é considerado o “saber das origens”, que só se adquire por meio do *regressus ad uterum*, ou seja, “do retorno ao útero” (BRANDÃO, 1997, p. 57). O termo grotesco encontra justamente a sua gênese associada a esse sentido de algo recôndito

(oculto) e, portanto, perturbador. A palavra vem do italiano *grottesca* ou *grottesco* que, por sua vez, advém do substantivo *grotta*, que significa gruta. No século XV, serve para designar estranhas decorações ou pinturas ornamentais descobertas em paredes subterrâneas das termas do imperador Tito em Roma. São obras de arte que distorcem a ordem do mundo normal dos homens, expondo figuras surpreendentes, carregadas de jogo ornamental diferente, em que formas vegetais, animais e humanas são misturadas com excepcional independência artística. As sociedades humanas institucionalizadas – e fundamentadas no tom sério - tendem a se sentir ultrajadas por manifestações dessa categoria estética (MOISÉS, 1984, p. 266-267). O grotesco, desde então, vem assumindo o significado de mau gosto, de defeituoso (mas não necessariamente de obsceno), de ridículo, de monstruoso e até de diabólico.

O belo tem apenas um tipo, o feio tem mil [...] Pois o belo, humanamente falando, nada mais é que a forma considerada em sua relação mais elementar, em sua simetria mais absoluta, em sua mais íntima harmonia com o nosso organismo [...] Aquilo que, ao contrário, chamamos de feio é o detalhe de um grande todo que nos escapa e que se harmoniza, não com o homem apenas, mas com a criação inteira. (HUGO, 1827 apud ECO, 2008, p. 281).

A imagem grotesca bakhtiniana caracteriza-se pela versatilidade de transformação ou de metamorfose. Sua ambivalência é extraordinária assim como a sua atitude perante o tempo e à evolução. Encontra-se sempre a ousar, modificando o antigo e incorporando o novo; isso permite a associação de elementos heterogêneos e o consequente afrontamento ao senso comum. Compreende que tudo o que existe é relativo, como também que a ordem das coisas no Mundo pode sofrer alterações infinitas. O grotesco é dinâmico, provoca a morte do velho e a germinação do que está por vir.

Os conceitos de belo e de feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas. [...] Muitas vezes, as atribuições de beleza ou de feiura eram devidas não a critérios estéticos, mas a critérios políticos e sociais. [...] Dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo aos planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável. [...] Vitruvius ditaria as justas proporções corporais em frações da figura inteira: o rosto deveria ter 1/10 do comprimento total, a cabeça 1/8, o comprimento do tórax, 1/4, e assim por diante. [...] À luz desse ideal, o helenismo elaborou uma vasta literatura sobre a relação entre feiura física e feiura moral. (ECO, 2008, passim).

Encontram-se inúmeros exemplos de personagens históricos - considerados “gênios” – cujas compleições externas trabalham contra uma aparência agradável ou digna de elogios por todos (as) aqueles (as) que tendem a delimitar sua visão a observações fúteis. Dentre os “infinitos” casos, posso destacar o respeitadíssimo filósofo Sócrates. Sócrates,

dizem, lembra um sileno. Esopo, profícuo fabulista do Mundo Grego, recebe a alcunha de O Feio, pois sofre de gagueira além de ser barrigudo, corcunda, estrábico e possuir os pés exageradamente chatos. O fantástico pensador e escritor francês Voltaire é conhecido por O Diabo Velho porque é alto, magricela, narigudo e seus modos expressam toda a ironia e o sarcasmo que o destacam grandemente. E mais, mundialmente respeitados escritores atribuem traços grotescos em seus heróis fictícios literários com o intuito de diferenciá-los das pessoas normais, tais como, Victor-Marie com Quasímodo em *Notre-Dame de Paris* (ou, em português, *O Corcunda de Notre-Dame*) e Miguel de Cervantes y Saavedra com Dom Quixote e Sancho Pança.

Figuras 02, 03 e 04 – A pintura *Perseguidores de Cristo carregando a Cruz* e os detalhes de indivíduos com *piercing* (Hieronymus Bosch, 1450-1516)



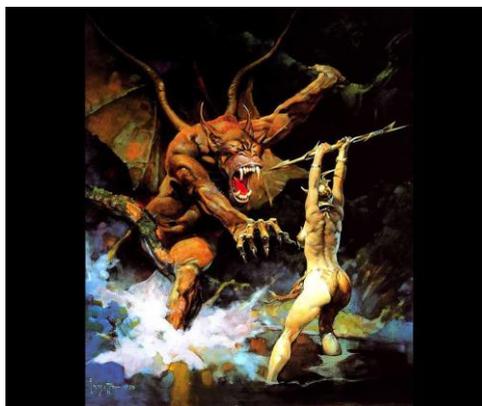
Fonte: Disponível em: <<http://mairus.com/blog/2008/03/23/em-que-ano-morreu-jesus-cristo/>> Acesso em: out. 2014

Figura 05 – O colombiano Caim Tubal em sua metamorfose de Homem-Diabo depois de passar por diversos implantes e modificações corporais



Fonte: Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2014/10/17/colombiano-vira-homem-diabo-apos-11-anos-de-modificacoes-corporais-552603.asp>> Acesso em: set. 2014 (Reprodução do Youtube de Jean Paul Davila)

Figura 06 – Ilustração do artista norte-americano Frank Frazetta (1928-2010) intitulada *Beauty and the Beast*



Fonte: Disponível em: <http://frankfrazetta.net/Gallery_1.html> Acesso em: out. 2014

Figura 07 – A matéria intitulada *Fim da picada?* de primeira página (Folha de São Paulo, 14 de julho de 2013)



Figura 08 – Imagem de estampa (de camiseta) da banda do gênero *Thrash Metal* Exodus



Fonte: disponível em:
<<http://acervo.folha.com.br/fsp/2013/07/14/2/>>.
Acesso em jul. 2013.

Fonte: camiseta do próprio autor

As figuras 02, 03, 04, 05, 06, 07 e 08 comportam imagens do século XV aos dias atuais. Todas retratam claramente o incontido desejo do ser humano de chocar e provocar usando o seu próprio corpo ou se expressando por meio de obras artísticas. “É um fenômeno generalizado em nossa natureza que aquilo que é triste, terrível e até mesmo horrendo atrai com irresistível fascínio; que cenas de dor e terror nos repugnem e, com igual força, nos atraiam” (ECO, 2012, p. 289). O uso de *piercing* dos mordazes acompanhantes do Jesus Cristo (prestes a ser crucificado na pintura do Bosch), do Caim Tubal e da Mariana de Queiroz (que, aos 21 anos de idade, tatua de cor escarlate as escleras, ou o branco dos globos oculares, para participar de um concurso de *tattos*) são a “prova de que os homens estão prontos a sacrificar a vida em prol de uma pose” (FLUSSER, 1998, p. 82).

Da Carnavalização bakhtiniana, da hiperbolização e do espetáculo

O riso existe quando nos diz respeito. E a risada é mais interessante porque está em nós, ao nos referirmos a algo familiar, p. ex., nas piadas sobre português, nas de lapão ou de groenlandês não achamos tanta graça. O melodrama equilibra o riso com o drama assim como o lírico com o trágico.

Amálio Pinheiro

O aspecto cardeal do grotesco é a deformidade e a sua função é a de liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias oficiais. “As sociedades civis dominantes tentam organizar e limitar a ‘variação’ com uma possível ‘ética da regularidade’ com ‘máximos níveis de clareza semântica’ que evitem a ambiguidade” (em aula ministrada por Amálio Pinheiro, em 24 de outubro de 2012).

Em quase todos os lugares da Terra, festas próprias do povo acontecem ou são patrocinadas – e “fiscalizadas” - por órgãos estatais controladores da ordem em que a hipérbole (o exagero), o descontrole e o desalinho (confusão) fazem-se sobressair. Desde a Antiguidade, as folias populares enchem-se de ritos de excesso, inversão e deboches. Elas têm sido toleradas porque funcionam como uma gigantesca cloaca (válvula) social de escape. E o termo carnaval passa a denominar os maiores e mais importantes desses heortônimos universais.

No grupo de imagens de banquete, pudemos observar exageros, hipérboles nitidamente fundamentadas. Esses mesmos exageros se encontram nas imagens do corpo e da vida corporal... [...] O exagero, o hiperbolismo (uso imoderado da hipérbole ou da exageração), a profusão, o excesso são, segundo opinião geral, os sinais característicos mais marcantes do estilo grotesco. (BAKHTIN, 1999, p. 265).

A Carnavalização bakhtiniana imagina a cultura do povo como antípoda da cultura oficial representada pelos Estados e pelas Igrejas. Está ligada, intrinsecamente: ao grotesco, ao exagero (à hipérbole), ao vocabulário da praça pública (às injúrias, imprecizações, juramentos, jargões de rua), às mudanças ou metamorfoses, à questão existencialista envolvendo o dualismo morte/vida, aos motivos da loucura e do disfarce e, em especial medida, com o riso. “De acordo com a *Bíblia*, durante a ‘queda’, o Diabo aparece como a criação principal do Criador, como sua obra-prima... [...] enquanto que o rosto e o gesto humano compõem a obra-prima do Diabo” (FLUSSER, 2006, p. 33 e 70). Tomando carona com tal raciocínio, pode-se deduzir que o riso tem uma origem demoníaca e que, dentre as suas múltiplas funções, está a de reavivar ambientes estáticos. “Variação significa excesso e o tédio apoltronado é geralmente preferido à crise enriquecedora... O complexo é aquilo que as ideologias não conseguem domar” (em aula ministrada por Amálio Pinheiro, em 26 de setembro de 2012).

O riso arcaico e sem entraves do Aristófanes (445-386 a.C.) é o herdeiro direto das agressões verbais do *kômos* (saída extravagante de bandos de celebrantes embriagados) [...] É reveladora essa associação do riso com a agressão verbal, com as forças obscuras da vida, do caos, da subversão, cujos ecos se reencontram no Carnaval e no “charivari”. [...] Esse riso obscuro inscreve-se na tradição dionisíaca. Para Jean Duvignaud, ele conduz à festa [...] E essa poesia, ferozmente absurda, abre uma brecha, uma fenda na ordem, no ritual sagrado e no cidadão. [...] Estamos no

fim do século V a.C., que marca, na Grécia, uma virada nos domínios político, religioso e cultural. É o momento em que a democracia¹ entra em crise [...] Esses primeiros ataques contra o ateísmo coincidem com os primeiros questionamentos do riso. Não se trata de acaso. O riso e o ceticismo religioso começam a ser percebidos como fatores diluentes dos valores cívicos (MINOIS, 2003, p. 35-41 passim).

Os dois símbolos preferidos dos artistas e dos entusiastas do gênero *Heavy Metal* são a Caveira e o Diabo - larga e hiperbolicamente - destacados em diferentes meios de ilustrar como, por exemplo: capas de CDs, DVDs, VHSs, LPs e Blu-Rays, estampas de camisetas e bonés, bordados de jaquetas e moletons, pôsteres promocionais. Tudo é direcionado para a “espetacularização”, isto é, para chamar a atenção no mais alto nível que se consiga chegar. Faz parte do show ou da técnica de indução e sedução para a sobrevivência da indústria na qual estão inseridos os grupos e artistas musicais. A apelação pela hipérbole (ou seja, o excesso que se aproveita do engrandecimento ou diminuição da verdade das coisas) é rotina no *marketing*. André-Comte Sponville tece um comentário muito pertinente a esse tema em seu livro sobre valor e verdade. “[...] há ilusão cada vez que a verdade, embora conhecida, se oculta ou se disfarça, e engana de certo modo mesmo aquele que a conhece. A verdade não é um espetáculo, eis tudo, e é nisso que todo espetáculo, sem dúvida, é ilusão. (COMTE-SPONVILLE, 2008, p. 15).”

Figura 09 – Capa do Jornal de Londrina



Fonte: Imagem digitalizada do destaque de capa (*Jornal de Londrina*, edição 17 de agosto de 2014) para o filme *Nosferatu* de 1922.

Figura 10 – Um herói, a mocinha e o mocinho que trazem caveiras douradas, ou do Bem, no desenho *Festa no Céu* (Estados Unidos: Twentieth Century Fox, 2014)

¹ “[...] O uso oficial do riso desenfreado (como o do Aristófanes), no palco e na vida pública, deve ser submetido a regras, sobretudo, na democracia, regime frágil que tem necessidade, para sobreviver, de homens políticos respeitáveis e honrados [...] A democracia vai se empenhar em desviar o riso para outros alvos” (MINOIS, 2003, p. 42).

FIORE, A.A. *Imagens grotescas na grande mídia: o rock pesado e o jornal impresso sob a ótica da carnavalização*. Algazarra (São Paulo, Online), Edição Especial – Parte 2: Do jornal à cidade, p. 71-84, jun. 2015.



Fonte: Disponível em: <<http://www.detudoumpouquinho.com/2014/10/cinema-festa-no-ceu.html>> Acesso em: out. 2014.

Figura 11 - Capa do CD original intitulado *Release from Agony* (Japan: Steamhammer/Teichiku, 1993) do grupo alemão do *Thrash Metal* Destruction



Fonte: Acervo do autor

Figura 12 - Capa do *Jornal de Londrina* (edição 4 de setembro de 2013) que realça a ação da polícia contra bancos de ossos clandestinos



Figura 13 – Caveiras de cor escura – do Mal – representando o grã-vilão Xibalba do desenho animado *Festa no Céu*



FIORE, A.A. *Imagens grotescas na grande mídia: o rock pesado e o jornal impresso sob a ótica da carnavalização. Algararra (São Paulo, Online), Edição Especial – Parte 2: Do jornal à cidade, p. 71-84, jun. 2015.*

Fonte: Disponível em:
<<http://www.jornaldelondrina.com.br/edicao-do-dia/?ate=04/09/2013>> Acesso em: set. 2013

Fonte: Disponível em:
<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203878/fotos/detalhe/?cmediafile=21116257>> Acesso em: out. 2014

Figura 14 – Capa da Folha de São Paulo de 25/03/2014 (destaca um casal que, de 2011 ao ano de 2013, vive em um cano de esgoto que desemboca no Rio Tietê em São Paulo-capital)



Fonte: Imagem digitalizada (edição de 25 de março de 2014 da Folha de São Paulo)

Figura 15 – Boca de tubo de esgoto onde é capturado o ditador líbio Muamar Kadafi **Fonte:** Caderno Geral/Mundo do *Jornal de Londrina* (23 de outubro de 2011)



Foto: Philippe Desmazes/AFP

Figura 16 – Capa de *Humanure* (Estados Unidos: Metal Blade Records, 2004) do grupo norte-americano do *Progressive Death Metal/Grindcore Misanthropy Cattle Decapitation*



Fonte: Disponível em:
<http://www.metal-archives.com/albums/Cattle_Decapitation/Humanure/44806> Acesso em: set. 2014

Todas as imagens contidas nas **figuras (09 até 16)**, antes apresentadas, trazem corpos, montagens ou situações grotescas. Emunctorios construídos artificialmente compartilham momentos históricos com pessoas de verdade. Uma vaca faz as vezes de um

agente exutório que expulsa o dejetivo humano ao lado de sua representação caveirosa do Mal. Antiga figura folclórica do horror vampiresco torna-se atração, de primeira página, em veículo midiático da presunçosa era “internética”. Criatura monstruosa, carregada de gestualidade tipicamente humana, posa ao lado de um enorme estilizado cifrão de ossos (também humanos) que, de novo, ocupa o frontispício nobre de um jornal impresso. Personagens “humanoides” de desenho animado (da sem-rival indústria cinematográfica anglo-norte-americana) são lançados no mercado universal expondo representações de caveiras nas mais diferentes formas e cores, o que traz à tona as ideias primitivas - e sempre atuais - ambivalentes do Bem/Belo e do Mal/Feio.

Considerações finais

Imagens hiperbolicamente grotescas destacam-se, sempre. É ponto pacífico. Figuras hostis, abusivas, infestas, agressivas e provocantes servem de ilustração em qualquer produto - confeccionado por humanos para humanos - e vendem. Vendem porque fascinam, atraem. E a grande mídia tem ampla consciência dessa realidade, na qual se inclui, obviamente, o jornal impresso, hoje, aderido ao sistema não analógico.

A intenção comercial prevalece. Ela é a principal força que impulsiona a utilização de extenso material imagético grotesco e até repulsivo que acompanhamos, diariamente, em quase todos os meios de comunicação de massa (canais abertos ou fechados de televisão, rádios convencionais ou via *internet*, jornais impressos ou digitais) ou particulares (*folders*, pôsteres, brindes, camisetas).

Bakhtin, Flusser, Eco, Baudrillard, Brandão, Minois e tantos e tantos outros cientistas de áreas como: História, Linguística, Filosofia da Linguagem, Mitologia Clássica, Psicologia, Comunicação Social, Teoria da Comunicação e Semiótica ajudam-nos a compreender um pouco mais sobre a complexa rede humana de sentidos e reações por meio de suas teorias e comprovações.

Elementos fundamentais da Carnavalização Bakhtiniana encontram-se, confortavelmente, instalados e adaptados ao universo iconográfico do *Heavy Metal*² que se vê sendo arquitetado ao longo de mais ou menos 55 anos. O uso indiscriminado de anomalias

² O mesmo princípio se aplica aos meios de comunicação de massa.

físicas humanas (bufões defeituosos, loucos e/ou mendigos de várias espécies) e de representações fantásticas (dragões, lobisomens, caveiras, demônios) em imagens e ilustrações de produtos mercadológicos do *Rock Pesado* comprova a influência absoluta que os seus “fazedores” de *marketing* sofrem dos motivos: do riso (este que tem um vínculo especial e inelutável com a agressividade), do exagero, da espetacularização, da “performance”, do monstruoso ou disforme, da inexplicável existência e morte humanas e do grotesco.

Adriano Alves Fiore é doutorando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; bolsista do CNPq sob o número 161691/2012-9. hardrockingroad@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento – o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo/Brasília: Edunb/HUCITEC, 1999.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, v. 1, 1997.

COMTE-SPONVILLE, André. *Valor e verdade – estudos cínicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ECO, Umberto. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. 1ª impressão. Rio de Janeiro: Record, Brasil, 2008.

_____. *História da Beleza*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2012.

FERREIRA, Jerusa Pires. Anotações de aula da disciplina: Ambientes Midiáticos e Processos Culturais – Princípios e Fundamentos da Comunicação Oral e suas Poéticas. São Paulo: PUC-SP, em 25 de outubro de 2012.

FLUSSER, Vilém. *A História do Diabo*. São Paulo: Annablume Editora e Comunicação, 2006.

_____. *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1984.

PINHEIRO, Amálio. Anotações de aula da disciplina: Teorias Culturalistas da Comunicação: Mídia e Mestiçagem. São Paulo: PUC-SP, em 26 de setembro e em 24 de outubro de 2012.

FIORE, A.A. *Imagens grotescas na grande mídia: o rock pesado e o jornal impresso sob a ótica da carnavalização*. Algarra (São Paulo, Online), Edição Especial – Parte 2: Do jornal à cidade, p. 71-84, jun. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CD

DESTRUCTION. *Release from Agony*. Japan: Steamhammer/Teichiku, 1993.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS DA WEB (INTERNET)

[<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203878/fotos/detalhe/?cmediafile=21116257>]

[<http://www.detudoumpouquinho.com/2014/10/cinema-festa-no-ceu.html>]

[www.essentialnews.net]

[<http://www.jornaldelondrina.com.br/edicao-do-dia/?ate=04/09/2013>]

[<http://mairus.com/blog/2008/03/23/em-que-ano-morreu-jesus-cristo/>]

[http://www.metal-archives.com/albums/Cattle_Decapitation/Humanure/44806]

[<http://oglobo.globo.com/blogs/pagenotfound/posts/2014/10/17/colombiano-vira-homem-diabo-apos-11-anos-de-modificacoes-corporais-552603.asp>] [<http://www.rense.com/general27/battle.htm>]